



AGRONEGÓCIO

Pós-pandemia impulsiona setor de proteína animal



Ex-ministro Francisco Turra ressaltou a demanda internacional por produtos brasileiros

Turra foi o convidado especial para falar na reunião-almoço Tá na Mesa na Expointer

Osni Machado
osni.machado@jornaldocomercio.com.br

A pesquisa é uma das responsáveis por tornar o Brasil um dos maiores produtores de proteína animal do mundo. O País conquistou 160 mercados no exterior para a carne de aves, de suínos e de bovinos. E tem condições de ampliar a sua competitividade, principalmente, porque as dificuldades do cenário internacional, impactado no pós-pandemia, são passageiras e, em breve, o mundo pedirá mais alimentos, criando, assim, mais oportunidades de negócios para o Brasil.

Essa foi a mensagem do ex-ministro da Agricultura Francisco Turra, atual presidente dos Conselhos da Associação Brasileira de Proteína Animal

(ABPA) e da Associação dos Produtores de Biocombustíveis do Brasil (Aprobio), na reunião-almoço Tá na Mesa da Federasul, realizada na Expointer na Casa da Farsul. A palestra teve como tema “Cadeia produtiva da proteína animal: desafios e soluções”.

“Há muito tempo, o Brasil se tornou um grande produtor de alimentos, mas isso foi fruto de muita pesquisa e temos condições de ampliar a competitividade”, destacou. Por outro lado, Turra citou que a demanda no País está desaquecida em função do poder aquisitivo, reflexo também da pandemia.

“Esse cenário é passageiro no mercado interno, desde que a gente mantenha a qualidade da produção nacional e, paralelamente, o setor continue fazendo investimento e manutenção de mercados internacionais”, destacou.

“Vejo que há, no mundo, uma carência muito grande por alimentos. É necessário que haja cada vez mais produção. Há pouco tempo, estive aqui

no Brasil, uma missão árabe e a mensagem que eles nos deixaram foi: ‘produzam’”, lembrou.

Turra comentou que os asiáticos passaram por momentos de dificuldades, quando o Produto Interno Bruto (PIB) chinês diminuiu e, como consequência, o consumo deles andou para trás. “Esse cenário internacional também é momentâneo e logo irá se ampliar a compra de proteína animal do Brasil”, explicou, com entusiasmo.

O Brasil, segundo Turra, tem um grande potencial para expansão agrícola. “O País tem 27% das reservas nativas do planeta, sendo que a Europa, por outro lado, conta com apenas 2% de suas reservas. Enquanto a Europa fala sobre as reservas nativas do Brasil, eu acredito que isso seja um mero aspecto protecionista. Por outro lado, o nosso País se comunica mal”, argumentou.

Turra afirmou, ainda, que existe carência de milho,

lembrando que é um cereal estratégico. Para ele, o Brasil necessita aumentar a sua produção para não depender tanto das importações. A restrição do cereal, segundo ele, impacta diretamente os preços da proteína animal, afetando a cadeia. “Apesar dessas dificuldades, a mensagem para os produtores é de esperança”, reiterou Turra.

O presidente da Federasul, Rodrigo Sousa Costa, lembrou que o Rio Grande do Sul viveu três anos de estiagens sucessivas por conta do fenômeno climático La Niña, que resultou em uma escassez hídrica e consequente impacto econômico, não só para as contas públicas, como, especialmente, para a cadeia produtiva da proteína animal.

“Faltou milho e isso inviabilizou grandes setores. Quase se romperam outros. A cadeia produtiva do frango, do ovo, do suíno e do leite merece atenção”, lembrou.

Costa diz que, nesse cenário, o Rio Grande do Sul

Federasul promove premiação na feira

A Federação de Entidades Empresariais do Rio Grande Sul (Federasul), em parceria com a Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), fez a entrega de prêmios a cinco destaques. Neste ano, a premiação recebeu um número recorde de inscrições, chegando a 83. Os vencedores, nas cinco categorias da premiação foram:

- **Prêmio Antes da Porteira:** Racks Tecnologia Agrícola (São Leopoldo);
- **Dentro da Porteira:** Cervejaria Salva (Bom Retiro do Sul);
- **Depois da Porteira:** Pilecco Nobre Alimentos (Alegrete);
- **Elas no Agro:** Ana Paula Ferrigollo (Frederico Westphalen);
- **ESG:** Granja Santo Antônio (Encantado);

tem uma grande janela de oportunidades e se torna um polo exportador de segurança alimentar para o mundo. De acordo com o dirigente, para que o Estado consiga atingir esse potencial, não pode se descuidar, por exemplo, das reservas de água.

BANCOS

Bradesco tem alta de 40% nos pedidos de crédito na Expointer

Vice-presidente do banco apontou que demanda geral do setor está surpreendendo

Patrícia Comunello
patriciacomunello@jornaldocomercio.com.br

O Bradesco, um dos maiores bancos brasileiros, registra forte demanda por financiamento na largada da safra 2023/2024 e também na Expointer, informou o vice-presidente executivo da instituição, José Ramos Rocha Neto. O executivo citou que os desembolsos chegaram a R\$ 8 bilhões desde o começo de julho até 20 de agosto. Na feira em Esteio, que vai até domingo, o volume de pedidos de empréstimos também está bem acima do esperado.

“Isso tem nos surpreendido. Estamos um pouco acima de 15% em relação ao ano passado. Na feira, chega a ser 40% maior o volume de pedidos nos primeiros dias. O que demonstra que, realmente, o setor agrícola é uma locomotiva do Brasil”, ressaltou Rocha Neto.

O executivo lembrou, durante visita à Casa JC na Expointer, no Parque Assis Brasil, em Esteio, que o crescimento dos financiamentos para o setor já havia avançado 15% no primeiro semestre na instituição, frente ao mesmo período de 2022.

Rocha Neto associa as razões para o desempenho ao



Rocha Neto citou que os desembolsos chegaram a R\$ 8 bilhões

ambiente macroeconômico, que vai de queda da inflação e do desemprego e um câmbio com leves oscilações. “A estabilidade dos indicadores é muito importante para dar continuidade à aceleração. Agregaria ainda o último movimento de corte de juros, num primeiro sinal de que, em 2024, certamente vamos voltar a uma taxa de um dígito”, listou o vice-presidente.

O executivo lembrou ainda que o uso cada vez mais intensivo de tecnologia no campo vem elevando os ganhos em produtividade do setor, gerando mais recursos e capacidade de buscar financiamentos. Na nova safra, a expectativa é de retomada da produção, com trégua da estiagem que comprometeu as duas últimas safras de verão.

“O banco é o maior agente fi-

nanciador entre privados, atrás apenas do Banco do Brasil, que é uma instituição pública e que lidera o crédito do setor. São mais de R\$ 100 bilhões para aportes entre recursos próprios e direcionados pelo Bradesco”, detalhou o vice-presidente, lembrando que a instituição, uma das maiores do mercado nacional, tem suas origens no campo, na cidade de Marília, no interior paulista. “O Bradesco tem um DNA agrícola”, reforçou o executivo.

Rocha Neto acrescentou que há melhora das expectativas. “A confiança dos empresários está muito boa e vem subindo. Mesmo que economistas apontem PIB menor em 2024. Este ambiente será importante para servir de base para 2025, quando teremos uma retomada muito forte do País. Esta é nossa aposta.”

INDÚSTRIA

Produtores de suínos e de aves são premiados

Mauro Belo Schneider
mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

A JBS/Seara promoveu, ontem, na Expointer, a premiação Superagro, que levou 100 produtores de suínos e de aves do Rio Grande do Sul ao evento em Esteio.

Conforme o diretor de suínos da empresa, Fábio Pinto Soares, a iniciativa reconhece a excelência gaúcha, que é “referência mundial”.

“Temos 2,5 mil famílias produtoras no Estado entre suínos e aves, e quase 10 mil no Brasil”, detalha Soares. “Impressiona como o RS tem cada vez mais importância para a Seara”, reconheceu.

Segundo o executivo, o melhor desempenho técnico do País é encontrado em solo gaúcho, onde há 18 mil colaboradores. Os requisitos para a escolha dos produtores se dividem em etapas e indicadores

de bem-estar e performance.

A JBS/Seara tem oito plantas no Rio Grande do Sul e investiu R\$ 1,8 bilhão no Estado nos últimos cinco anos. Recentemente, lançou uma fábrica de rações em Seberi, com um investimento de R\$ 250 milhões.

Para exemplificar a dimensão do negócio, a folha salarial gaúcha da empresa soma R\$ 43 milhões ao mês, segundo Soares.

MÁQUINAS AGRÍCOLAS

John Deere quer fabricar com combustíveis alternativos até 2030

Bolívar Cavalari
economia@jornaldocomercio.com.br

O setor das máquinas agrícolas na Expointer chama atenção por seus equipamentos gigantescos e impressionantes. Nesta região do Parque Assis Brasil, fica localizado o estande da empresa estadunidense John Deere, uma das maiores da categoria no País. A companhia se destaca entre as fabricantes de máquinas por investir em tecnologias próprias para os produtores do agronegócio.

O presidente de vendas e marketing da John Deere no Brasil, Antônio Carrere, revela que o próximo passo de inovação da empresa será comercializar, no prazo de 10 anos, maquinário movido à base de combustíveis alternativos. “A John Deere, hoje, está investigando, fazendo pesquisa, desenvolvendo com vários combustíveis alternativos, e certamente acreditamos que até 2030 nós vamos ter soluções elétricas e soluções com combustível alternativo, que podem ser com biodiesel, ou etanol ou hidrogênio verde”, diz Carrere.

A companhia é dividida em dois setores: o de máquinas agrícolas e o de construção. O presidente afirma que a John Deere irá tentar fazer de seus equipamentos menores – normalmente os urbanos – elétricos, enquanto os grandiosos da agricultura

devem ser produzidos para operar com combustíveis alternativos. “Entendendo que o Brasil é um produtor não só de alimentos, mas também de energia”, avalia Carrere.

O executivo argumenta que a empresa não investe exclusivamente em produtos elétricos pois grande parte da produção de energia no Brasil e no mundo é poluente, algo que invalidaria a proposta de sustentabilidade dos equipamentos movidos por eletricidade. “Todo mundo está ouvindo sobre os motores elétricos, mas hoje o mundo não produz energia elétrica de forma sustentável”, afirma o presidente da John Deere.

Anderson Strada, diretor comercial e de Operações da SLC Máquinas — concessionária da John Deere —, comenta a maior procura dos clientes por inovação. “Os três momentos de estiagem fizeram com que o produtor também olhasse com mais cautela para todos os investimentos dele. Por consequência, dentro do que está sendo revisto agora, e do que a gente percebe em termos de movimentação de mercado, é que o cliente percebeu o valor da tecnologia. Então, ele está vindo em busca de equipamentos que têm possibilidade de maximizar o nível de investimento dele e rentabilizar mais o negócio, e é a partir da tecnologia que encontra isso”, comenta Strada.



Carrere e Strada ressaltam o interesse do público por tecnologia

CAVALOS

Portaria do Mapa acirra debate sobre Mormo no Estado

Doença obriga eutanásia de equídeos mesmo que estejam sem sinais clínicos

Ana Esteves, especial para o JC
economia@jornaldocomercio.com.br

Um dos temas mais polêmicos em relação à sanidade dos equídeos, o Mormo, não poderia ficar de fora da 46ª Expointer, um dos eventos que mais reúne os animais no Estado. Uma audiência pública realizada na terça-feira, na Casa da Assembleia Legislativa no Parque Assis Brasil, em Esteio, reuniu criadores, pesquisadores, Ministério da Agricultura (Mapa) e Secretaria Estadual da Agricultura (Seapi) para debater a doença.

No centro das discussões, as mudanças determinadas pela Portaria 593 do Mapa que traz as novas diretrizes para prevenção, controle e erradicação da enfermidade no âmbito do Programa Nacional de Sanidade dos Equídeos (PNSE).

Um dos pontos mais polêmicos se refere à retirada da obrigação de que animais assintomáticos sejam testados toda vez que houver a necessidade de emitir uma Guia de Trânsito Animal (GTA) para participação de eventos.

Para o professor titular de Clínica Médica de Equinos da Faculdade de Veterinária da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e consultor da câmara



Um dos pontos polêmicos se refere à retirada da obrigação de que animais assintomáticos sejam testados

técnica setorial de equinos do Mapa, Carlos Eduardo Wayne Nogueira, o grande desafio em relação à doença é trabalhar melhor o diagnóstico no Brasil. “Um levantamento nacional aponta que 70% dos equídeos positivos não têm sinais clínicos, é preciso extenuar todos os métodos diagnósticos antes de se pensar em eutanásia”, avalia. Um dos calcanhares de Aquiles da doença é a obrigatoriedade de sacrifício de animais testados positivos, mesmo que sem sintomas da enfermidade.

Para ele, as regras da nova Portaria que flexibilizam a testagem dos animais não farão explodir os casos de Mormo no País, mas é preciso repensar a

maneira como é feito o diagnóstico e realizá-lo de forma mais ampla, não apenas entre os animais em trânsito. “A mudança através da Portaria ocorre pelo medo de um animal ter um teste positivo, sem realmente estar positivo. Mas, por outro lado, fica o medo de cavalos positivos estarem circulando não testados e contaminando outros”, avalia o especialista.

Para Nogueira, é preciso realizar uma revisão epidemiológica dos casos no Brasil. “Não temos notícia sobre casos em humanos, o que nos leva a crer que a circulação brasileira da doença é baixa e o que ocorre são contaminações por acidentes em laboratórios”, avalia o

professor.

O chefe da divisão de Defesa Sanitária Animal da Secretaria da Agricultura, Fernando Groff, diz que hoje existem cinco focos de Mormo no Estado e que muitas informações técnicas sobre a doença datam da década de 1950. “É uma doença esquecida que tem baixo índice de pesquisas. Além disso, o exame clínico é subjetivo.” Por se tratar de um evento internacional e por decisão das associações de raça, todos os equídeos (equinos e asinos) que participam da Expointer foram testados para Mormo.

O criador Frederico Becker conta que há dois anos teve uma égua assintomática

positiva para Mormo. Frente a isso, solicitou um novo teste via processo judicial e teve resultado negativo. “Depois disso, repeti a testagem por seis meses, quando foram feitos cinco testes de triagem e todos deram negativos. Fiz outros dois testes em Dubai e também negativaram”, afirma Becker. O criador diz que essa alteração dos resultados traz muita insegurança, especialmente pelo fato de o Brasil ter apenas um fornecedor de kits diagnósticos. “Não queremos ir contra a ciência, mas existem inconsistências”, acrescenta. Outro criador de equinos, o advogado Tibiquera Almeida, diz que o diagnóstico “é falho” e que antes da Portaria “se matava animais na dúvida”. Segundo ele, o escritório em que trabalha atua em 50 processos judiciais de animais assintomáticos e todos com reteste negativo. “As judicializações salvaram algumas vidas.”

O professor Nogueira explica que as diferenças de resultados dos testes do mesmo animal tem relação com o fato de ser uma doença crônica, que pode se agudizar em alguns momentos, fazendo com que os testes oscilem, independente do kit diagnóstico. Por outro lado, o presidente do Sindicato dos Médicos Veterinários (Simvet), João Batista Pereira Junior, criticou a retirada do exame e reforçou a necessidade de incrementar os investimentos em pesquisa.

PARLAMENTO

Frente Parlamentar do Empreendedorismo e da Desburocratização faz reunião em Esteio

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

Os desafios e oportunidades para elevar a produtividade no campo foram discutidos na terça-feira no Parque Assis Brasil, em Esteio. O tema foi abordado em reunião da Frente Parlamentar do Empreendedorismo e da Desburocratização da Assembleia Legislativa gaúcha, presidida pelo deputado estadual Felipe Camozzato (Novo).

Em visita ao Jornal do Comércio, onde foi recebido pelo diretor de Operações, Giovanni Jarros Tumelero, o parlamen-

tar falou sobre o assunto e apontou algumas ações que poderiam potencializar a rentabilidade das propriedades de economia agropecuária. “Falamos sobre estiagem, sobre o aproveitamento de fertilizantes, como por exemplo a região Sul do Estado, que tem um potencial de produção de fósforo. O Rio Grande do Sul importa 100% disso hoje, e poderia estar produzindo uma parte do nossos fertilizantes, que está com dificuldades de licenciamento ambiental e, por último, a indústria do calcário, a chamada ‘irrigação branca’, que

é correção do solo para aumentar produtividade, especialmente da pequena propriedade”, disse Camozzato.

Segundo ele, o ajuste de solo poderia, com baixo custo, elevar a produtividade nas lavouras em percentuais representativos e impulsionar a rentabilidade. O licenciamento ambiental para represamento de água foi outro assunto abordado no encontro. Camozzato lembrou que é importante levar ao conhecimento dos proprietários de terras as mudanças que facilitam o licenciamento de até 25 hectares de propriedade.



Felipe Camozzato defende mais agilidade nas licenças ambientais



Sabe quem ganha com a parceria entre o Banrisul e as revendas de máquinas? O agro gaúcho!

O Banrisul apoia e valoriza o agronegócio gaúcho. Por isso, oferece opções de financiamento nas principais revendas de máquinas agrícolas do Estado. Temos equipes especializadas para atendimento no estande do Banrisul na Expointer e em nossas agências, o ano inteiro. Venha conversar para fazer o seu agro crescer.



banrisul.com.br/planosafra

SAC 0800 646 1515 | Ouvidoria 0800 644 2200

BAIXE O APP:



O agro é o nosso chão.



banrisul
Nossa conexão transforma

Siga nossas redes sociais: [f](#) [@](#) [t](#) [in](#) [v](#)